

Permanece o problema da inflação

JORNAL DO BRASIL — Na última reunião o clima era de total pessimismo e a idéia geral era que estávamos entre a recessão e a depressão. Houve quem lembrasse a imagem de um naufrágio, no qual nós tínhamos que nos acomodar num escalor. E agora que análise os senhores fazem da conjuntura econômica?

Rogério Werneck — Acho que a avaliação inicial do Plano Bresser é certamente positiva, principalmente quando se contrasta com as perspectivas que estavam colocadas em meados de junho. Mas existem ainda algumas controvérsias quando se analisa, por exemplo, o nível de atividade das últimas semanas. O mês de junho foi desastroso. O país viveu a metade do mês na escalada da hiperinflação e na outra metade a perplexidade total. Isto obviamente teve um impacto negativo sobre o nível de atividade. No mês de julho, pelo menos quanto ao comércio, a situação foi melhor do que se esperava. Mas, mesmo assim, os dois meses estão produzindo estatísticas ruins.

O que eu temo é que esses números alimentem um certo **lobby** por reaquecimento e isto seria equivocada porque essas estatísticas são o efeito retardado da crise. Reagir muito rápido a indicadores, que são defasados, e tentar reaquecer a economia seria uma política desastrosa.

Cesar Maia — Eu continuo tão pessimista quanto estava. Acho que o quadro é recessivo e não tende a melhorar e, embora não se tenham estatísticas completas neste momento, o contato pessoal que eu tenho mantido com vários setores como têxteis, fármacos, eletrodomésticos, e muitos outros mostram que os setores industriais estão trabalhando com um nível de preços que não remunera. Isto na minha opinião embute nestes segmentos uma inflação potencial muito grande. O que está segurando os preços é apenas a recessão. A recessão é a lógica que dá coerência ao controle de preços.

Mario Henrique Simonsen — Evidentemente o problema da inflação ainda persiste, porque os vários índices que computam a variação da média dos preços de um mês com a média dos preços do mês anterior mostram que houve em julho uma inflação de 9% a 10%. Em agosto

provavelmente haverá uma queda em função do congelamento, ou semicongelamento que está sendo praticado, porque a média comparada com junho, mas o mais importante a saber neste caso é que quando surgir o descongelamento, como não há demanda, não vamos ter uma eferescência inflacionária como tivemos depois do Cruzado II. Mas é claro que com a expansão monetária que está aí, com o déficit público no ritmo que anda, não há muita razão para se esperar uma inflação inferior a 9% ou 10% ao mês. Isto dá uma inflação de 21% ao ano, o que é um progresso diante da inflação de 2.500% para a qual estávamos caminhando.

Singer — A situação em junho me parecia simplesmente desastrosa. Havia sem dúvida nenhuma um grave perigo de hiperinflação e simultaneamente uma queda de demanda. Uma hiperestagflação. Mas hoje me parece que a situação está se estabilizando. Potencialmente, há enormes pressões inflacionárias que são contidas efetivamente por falta de demanda. O Rogério tem razão ao dizer que o reaquecimento agora seria perigoso no sentido de fazer a inflação estourar. Só que, sem reaquecimento, os desempregados continuarão desempregados, os salários vão continuar reduzidos. Eu não discuto se foram reduzidos pelo Plano Bresser. Isso realmente pouco importa. O que importa é que eles foram reduzidos ao longo de todo o primeiro semestre e certamente o Plano Bresser não os recupera.

Dionísio Dias Carneiro — O grande benefício que o Plano Bresser trouxe imediatamente foi interromper a onda violentíssima de falências e concordatas. Agora, alguma desaceleração do nível de atividade é mais ou menos inevitável. E vai continuar nos próximos meses. Em agosto, setembro e outubro os números estarão muito abaixo dos números do ano passado. Diante disso, o que o governo pode fazer? Ele deve fazer alguma coisa para evitar que a recessão se prolongue? Eu também acho que é um risco muito grande o governo reagir, e ele tem a tendência de fazer isto sempre. Mas não há em que instrumento mexer. Por acaso ele pode reativar a despesa pública? Reajustar os salá-

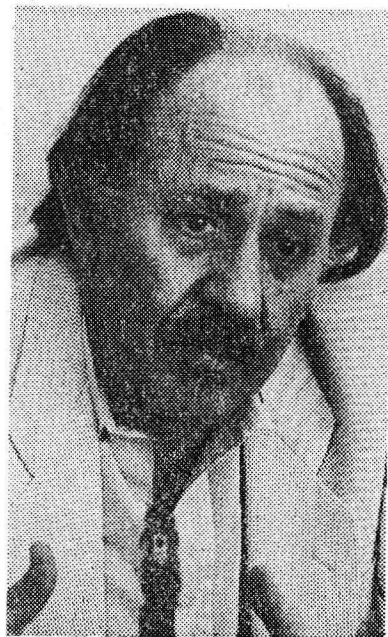
rios? Baixar as taxas de juros? Aumentar o crédito?

O que está se vivendo agora é uma inflação que está ajustando o aumento dos preços públicos e uma taxa de câmbio real. O único preço que se pode ajustar agora de forma compensatória é o salário real. Então é claro que vai continuar havendo uma queda do salário real neste período, a menos que o governo tente dar reajustes e aumentar a demanda via salários. O quadro que se tem é este: uma taxa de inflação que vai se manter elevada enquanto se passa essa mudança de preços relativos a favor do governo, que vai se dar em grande parte à custa de uma queda do salário real que permitirá uma demanda baixa.

Edmar Bacha — Eu era o menos pessimista da última vez e fico contente em saber que agora estamos todos alinhados. Concordo também com o que foi dito aqui. Seria de um keynesianismo primário tentar reativar a economia nas condições atuais. Eu até baniria a palavra **recessão** do nosso vocabulário. A economia está num processo de reacomodação depois dos **porres** que tomou na desastrosa administração econômica-financeira anterior. Um processo de acomodação doloroso, mas inevitável.

A administração de preços e salários precisa ser feita de forma inteligente como tem sido feita até agora. Os salários estão todos desalinhados em relação à URP e já está havendo uma previsão de reposição dos resíduos salariais. Há setores que estão com preços defasados que terão que ser realinhados para cima. Portanto, a tendência pelo lado do custo da inflação é ascendente. A única coisa a fazer é manter a economia em banho-maria.

Márcio Fortes — A expectativa governamental é extremamente positiva para o mês de agosto e com boa consequência para o mês de setembro em termos de emprego e em termos de inflação. Alguns preços vão precisar ser majorados, mas o próprio comércio não está aceitando a elevação de alguns preços. Se não houver uma queda muito grande no nível de comercialização em agosto e houver capacidade de encomenda às indústrias, com preços negociados, e além disso o governo tiver



Paul Singer

O cancelamento da dívida não é impossível

sustentação política para a sua política salarial, poderá haver uma formulação mais estável na administração da economia em 88. A atividade agrícola está indo muito bem, a exportação está uma maravilha. Desta forma será possível fazer uma formulação consistente e durável, sem **stop-and-go**.

Agora, eu estou convencido de que não se podem esperar recursos em moeda estrangeira. Os cenários da economia brasileira até o ano 2000, divulgados esta semana pelo BNDES, consideram a hipótese de **ingresso zero de recursos novos** até o ano 2000 como o mais provável, mas consideram um ganho exportador espetacular, sobretudo se passarmos bem os próximos meses. A chave do desenvolvimento dos próximos quinze anos está em atravessarmos bem os próximos meses. A chave do desenvolvimento dos próximos quinze anos está em atravessarmos bem os próximos seis meses. Eu sou considerado um maluco otimista, mas como fui otimista durante todo o primeiro semestre, contra toda a maré pessimista, estou à vontade para continuar sendo otimista.